
La Comédiathèque
A janela da frente
Jean-Pierre Martinez
comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

A janela da frente

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Um romancista envelhecido, à beira do suicídio, recebe a visita inesperada de uma jovem que afirma ter perdido o gato. Um encontro que irá mudar-lhe a vida...

Personagens

Alexandre

Madison

© La Comédiathèque

A sala de estar de um apartamento parisiense, com um ambiente boémio. Sobre uma pequena secretária, uma máquina de escrever antiga e alguns dossiês. Entra Alexandre, um escritor na casa dos sessenta ou mais, vestido com um desleixo cuidadosamente estudado. Traz na mão uma corda com um nó de correr. Olha para o teto e sobe a uma cadeira, aparentemente à procura de um sítio onde prender a corda. Como não encontra nada que lhe agrade, desce da cadeira. Senta-se à secretária e suspira, exausto. Abre uma gaveta, tira um maço de cigarros e leva um à boca. Mas, em vez de o acender, pousa-o na secretária e tira da gaveta uma pistola. Contempla-a demoradamente. Ouvem-se umas pancadas discretas na porta. Absorvido nos seus pensamentos, não as ouve. Encosta o cano da pistola à têmpora. Voltam a bater, agora um pouco mais alto. Continua sem ouvir. Parece hesitar antes de premir o gatilho. Fecha os olhos... Nesse momento, surge uma jovem à sua frente. É Madison, uma estudante que poderá ter entre vinte e trinta anos, vestida de forma bastante clássica.

Madison *(a gritar) – Não!*

Apanhado de surpresa, Alexandre dá um salto. Levanta-se de um pulo e aponta a arma a Madison.

Alexandre – Mais um movimento e está morta!

Madison – Não dispare, suplico-lhe!

Alexandre – Mãos ao ar!

A jovem levanta imediatamente os braços.

Madison – Pronto, está a ver? Não tenho nenhuma arma... Agora, por favor, baixe a sua.

Ao perceber que a jovem é inofensiva, baixa a pistola.

Alexandre – Mas que raio está aqui a fazer? E, antes de mais, como entrou?

Madison – Vou explicar-lhe tudo... Deixe-me recuperar o fôlego...

Alexandre – Mas enlouqueceu? Quase tive um ataque cardíaco!

Madison – Desculpe, a porta estava entreaberta e...

Alexandre – E achou que isso era um convite para entrar em minha casa...?

Madison – Não, mas...

Alexandre – O que quer? Assaltar-me? Acredite que aqui não há nada que valha a pena roubar.

Madison – Sou sua vizinha.

Alexandre – A vizinha do lado? Tem oitenta anos...

Madison – A vizinha em frente... *(Aponta para uma janela imaginária, do lado do público.)* Aquela janela é do meu apartamento.

Alexandre – Em frente? Esse apartamento está desocupado há anos.

Madison – Já não está.

Alexandre – Está bem... E depois?

Madison – Perdi o meu gato... Não o terá visto, por acaso...? Ou até acolhido aqui em casa... Se ele também tiver entrado sem ser convidado...

Alexandre – Pois não, não vi. Pelos vistos, o seu gato tem mais educação do que a dona...

Ela fica visivelmente abatida.

Madison – Desapareceu há dois dias. Espalhei cartazes pelo bairro inteiro, com o nome e a fotografia dele. Não viu nenhum?

Alexandre – Quase não saio... E nunca olho para esse género de anúncios. Além disso, não tenho grande jeito para reconhecer gatos pela cara...

Ela dá alguns passos pela sala.

Madison – Tofu! Tofu!

Alexandre – Mas o que lhe deu para começar aos gritos? Está doente?

Madison – Chama-se Tofu.

Alexandre – O seu gato chama-se Tofu? Está a gozar comigo...

Madison – Claro que não. Porquê?

Alexandre – Muito bem, o seu gato chama-se Tofu e está há dois dias sem voltar a casa. Também não é assim tão grave, pois não?

Madison – Claro que é grave! Se não o encontrar depressa, morre... É um gato de apartamento, percebe? Não está preparado para viver solto na rua...

Alexandre – Pois, é realmente uma tragédia. No meu tempo, os gatos viviam no campo. Ou, quando muito, numa casa com um jardim grande. Passavam os dias a caçar ratos e só regressavam quando não apanhavam nenhum, para lhes darmos de comer, fazermos umas festas e os deixarmos dormir no sofá...

Madison – Pois este não come ratos. É vegetariano.

Alexandre – Como disse?

Madison – Eu não como carne e o meu gato também não.

Alexandre – Então o que é que ele come?

Madison – Ração! Ração de legumes, como eu.

Alexandre – Também come ração?

Madison – Às vezes, sim. Quer dizer, não a ração do gato, evidentemente.

Alexandre – Um gato vegetariano... Nem sabia que isso existia... E é por isso que se chama Tofu...?

Madison – Sim... E também porque é um bocadinho tolo e um grande fujão. To-fu.

Alexandre – E suponho que deixar de comer carne foi uma decisão pessoal dele, não é...?

Madison – Seja como for, nunca se queixou.

Alexandre – E agora, nos circos, também dão ração de legumes aos tigres e aos leões?

Madison – Não sei... De qualquer modo, sou contra a utilização de animais nos circos...

Alexandre – Mas não é contra os gatos fechados em apartamentos...

Madison – Deduzo que não tem animais de estimação...

Alexandre – Não. Detesto a própria ideia de ter animais de estimação. Aliás, detesto a domesticação em geral. *(Com um ar ameaçador.)* Eu próprio continuo a ser um selvagem...

Sem se deixar impressionar, ela percorre a sala com o olhar.

Madison – Portanto, não viu o meu gato?

Alexandre – Não, não vi o seu gato vegano. E, se me permite, acho que já perdemos tempo suficiente com esta conversa absurda.

Ela imobiliza-se de repente.

Madison – Cale-se!

Alexandre – Como disse?

Madison – Não ouviu um miado?

Alexandre – Um miado? Não, absolutamente nada. Mas sabe, começo a ficar um pouco surdo. Quando chegar à minha idade, verá que isso também tem as suas vantagens. Sobretudo quando se tem vizinhos barulhentos...

Madison – Não faço barulho nenhum, garanto-lhe. Aliás, vivo no apartamento em frente há mais de um mês, e ainda julgava que estava vazio.

Alexandre – Muito bem, não dei pela sua presença e espero continuar assim. Portanto, se não tem mais nada a dizer-me, deixe-me voltar aos meus afazeres e vá procurar o seu gato...

Madison – Está bem, não o incomodo mais...

Alexandre – Obrigado.

Ela faz menção de sair, mas muda de ideias.

Madison – Mas... custa-me deixá-lo assim.

Alexandre – Assim como...?

Madison – Bem... Quando cheguei, estava a...

Alexandre – A quê...?

Madison – Não me pareceu que estivesse muito bem, pois não?

Alexandre – E o que a leva a pensar isso?

Madison – Tinha uma pistola encostada à cabeça.

Surpreendido, ele olha para a pistola que ainda segura na mão.

Alexandre – Ah, isso... E então?

Madison – Bem... parece-me um pouco... deprimido, não?

Alexandre – Deprimido...? Ouça, menina, quando eu tinha a sua idade, o lema da nossa geração era «vive depressa, morre jovem e deixa um bonito cadáver». Diz-lhe alguma coisa?

Madison – James Dean...

Alexandre – Fazíamos sexo sem preservativo, andávamos de mota sem capacete e tomávamos toda a espécie de substâncias proibidas cuja composição exata, acredite, ninguém conhecia... Cinquenta anos depois, os poucos velhos como eu que sobreviveram a essa época gloriosa andam a manifestar-se na rua com medo de serem vacinados... E admira-se que eu esteja deprimido?

Madison – Compreendo...

Alexandre – Não me parece... Mas, se tiver a infelicidade de chegar à minha idade, logo verá. A velhice é um naufrágio.

Madison – De Gaulle...

Alexandre – Chateaubriand já o tinha dito antes dele... Mas tem razão. Envelhecer é passar de «*Fúria de Viver*» às «*Memórias de Além-Túmulo*».

Madison – Está muito bem dito.

Alexandre – Pois está... O problema é que hoje os jovens já se comportam como velhos.

Madison – Em todas as épocas os jovens quiseram mudar o mundo, não quiseram...?

Alexandre – Os de hoje não querem mudar o mundo. Querem apenas salvar o planeta. E nem isso parece estar a correr bem...

Madison – E o senhor, conseguiu mudar o mundo?

Alexandre – Não, mas pelo menos divertimo-nos à grande.

Madison – Agora já não parece divertir-se muito...

Alexandre – Pelos vistos, a menina também não... Senão não viveria uma relação amorosa com um gato...

Madison – Pelo menos não estou sozinha...

Alexandre – E acredita mesmo que vai salvar o planeta... dando ração de legumes àquele pobre carnívoro que não pediu nada a ninguém?

Madison – Não sei... Mas, para mudar o mundo, primeiro temos de salvar o planeta, não? De que serviria fazer uma revolução a bordo do Titanic?

Alexandre – Seja como for, invejo todos os da minha geração que morreram antes dos trinta anos. Imagine Jimi Hendrix e Janis Joplin num lar de idosos, a discutir se uma vacina é perigosa, entre duas partidas de Scrabble... Mais valia morrer do que assistir a isso...

Madison – Vá lá, não diga isso...

Alexandre – Infelizmente, a literatura não é propriamente rock and roll. E os escritores, na maior parte das vezes, morrem na cama.

Madison – É escritor?

Alexandre – Isso não lhe diz respeito... Nem sei porque estou a falar disto consigo, nem sequer a conheço... Aliás, o que é que ainda está aqui a fazer?

Ele guarda a pistola numa gaveta.

Madison – Podia ter-se magoado...

Alexandre – Também podia tê-la matado... Quando se entra em casa de alguém sem autorização, corre-se sempre esse risco... Alegava legítima defesa e nem sequer era condenado... *(Ela parece ficar tonta. Ele repara e preocupa-se.)* Está bem?

Madison – Desculpe, já passa... Pode dar-me um copo de água?

Ele hesita por um instante.

Alexandre – Sente-se um momento, vou buscar-lhe água...

Ele sai. Ela recupera imediatamente e aproveita para observar a sala. Pega numa fotografia emoldurada de uma mulher que está sobre a secretária e examina-a. Mal ele regressa com um copo de água, que lhe estende, ela apressa-se a pousar a fotografia.

Madison – Obrigada...

Ela pega no copo e bebe a água de um só trago.

Alexandre – Já está melhor?

Madison – Sim, obrigada...

Ele faz um esforço para ser um pouco mais afável.

Alexandre – Desculpe recebê-la assim... Já não estou muito habituado a ter visitas...

Madison – Então também vive sozinho?

Alexandre – É assim tão evidente?

Madison – Pelo que acabou de me dizer, imagino que também não tem filhos.

Alexandre – O que a leva a pensar que não tenho filhos?

Madison – Tem?

Alexandre – Não... E, quando vejo o mundo de hoje, até fico satisfeito por não ter...

Madison – Pois...

Alexandre – Se quer salvar o planeta, o melhor era começar por deixar de ter filhos, não acha?

Madison – Mas, pensando bem... será que podemos salvar a Humanidade deixando de ter filhos?

Alexandre – E pensar que a França é provavelmente o país do mundo onde melhor se vive...

Madison – Foi por isso que decidi vir instalar-me no seu país...

Alexandre – Não é francesa...?

Madison – Chamo-me Madison. Sou americana.

Alexandre – No entanto, fala a nossa língua perfeitamente, sem o menor sotaque...

Madison – A minha avó era francesa. Foi ela quem me ensinou a língua de Molière. Vim para Paris estudar literatura na Sorbonne.

Alexandre – E foi por mero acaso que hoje se cruzou no meu caminho... Madison.

Madison – Chama-se Alexandre, não é?

Alexandre – Como sabe?

Madison – Vi o seu nome numa caixa de correio, lá em baixo. Alexandre Delacroix... É da família do...?

Alexandre – Do pintor? Não, de maneira nenhuma.

Madison – Do escritor!

Alexandre – É americana e conhece Alexandre Delacroix... de quem já ninguém em França se lembra.

Madison – Está a exagerar... Toda a gente conhece Alexandre Delacroix. A sua fama ultrapassou há muito as fronteiras francesas. Pelo menos entre os amantes da literatura. Então?

Alexandre – Sim... Sou eu.

Madison – A sério? Alexandre Delacroix, o lendário autor de várias obras-primas da literatura do século XX!

Alexandre – Se o diz...

Madison – Um escritor misterioso que agora vive isolado, que não publica nada há anos e recusa todas as entrevistas... É mesmo o senhor?

Alexandre – Desconfio que já sabia disso tudo antes de entrar em minha casa pela porta dentro. Estou enganado?

Ela hesita um instante.

Madison – Não, confesso que não...

Alexandre – Portanto, inventou a história do gato para me arrancar uma entrevista...

Madison – A história do gato é verdadeira, juro-lhe... Mas também é verdade que, quando vim viver aqui em frente, já tinha uma ideia na cabeça.

Alexandre – Alugou deliberadamente o apartamento em frente para me espiar?

Madison – Espiá-lo? Claro que não! Sou uma grande admiradora da sua obra. Quando cheguei a Paris tentei contactá-lo, mas o seu agente mandou dizer que não queria receber ninguém.

Alexandre – E que parte dessa frase é que não percebeu?

Madison – Atravessei o Atlântico na esperança de o conhecer. Precisava de um apartamento e aquele em frente estava para arrendar. Aproveitei a oportunidade...

Alexandre – É completamente louca! Aviso-a: se não me deixar em paz, apresento queixa por assédio. Afinal, o que espera de mim? É jornalista?

Madison – Sou estudante, já lhe disse. Fiz a minha dissertação de mestrado sobre a sua obra, em Nova Iorque. Depois decidi vir a Paris prosseguir a investigação, porque é aqui que decorre a maior parte dos seus romances. Sabe, para os americanos, Paris é a cidade mais romântica do mundo.

Alexandre – E é com clichés desses que pretende desvendar o sentido oculto da minha obra?

Madison – Quer saber o título da minha tese?

Alexandre – Não.

Madison – «A figura da ausência no universo romanesco de Alexandre Delacroix».

Alexandre – Percebeu tudo... Aquilo de que mais gosto na maioria das pessoas, a começar por si, é a sua ausência. Por isso, peço-lhe que se vá embora.

Madison – Quando se tem a sorte de estudar um autor vivo, é natural querer conhecê-lo. Saber um pouco mais sobre ele. Conhecer melhor a sua vida para compreender melhor a sua obra.

Alexandre – É um erro, garanto-lhe. É preferível estudar uma obra sem saber nada sobre o seu autor. Muitos grandes escritores foram pessoas insignificantes na vida real. Quando não eram uns perfeitos canalhas. E o mesmo se aplica aos artistas e aos cientistas. É assim. Raramente ganhamos alguma coisa em conhecer pessoalmente os génios... Embora eu não me considere um génio, fique descansada...

Madison – Compreendo a sua modéstia, mas... Uma entrevista exclusiva com o autor de «*Crónicas do Bairro Latino*» seria o ponto alto da minha investigação.

Alexandre – Leu esse livro?

Madison – Foi esse romance que me convenceu a vir estudar para Paris. Para mim, é o seu melhor livro.

Alexandre – E, no entanto, não foi o que vendeu mais...

Madison – Imagino que seja largamente autobiográfico.

Alexandre – Já lhe disse... Isso não interessa ao leitor...

Madison – E há ainda aquele misterioso manuscrito em que anda a trabalhar há anos...

Alexandre – Não estou a escrever absolutamente nada. É uma lenda alimentada pelo meu editor para que não se esqueçam completamente de mim e os meus livros antigos continuem a vender um bocadinho. Seja como for, não darei entrevistas. Nem a si nem a ninguém. *(Aproxima-se dela com um ar ameaçador.)* Agora, rua!

Em vez de sair, ela enfrenta-o.

Madison – Não!

Ele parece surpreendido com tanta determinação.

Alexandre – Como assim, não?

Madison – Não vou deixá-lo suicidar-se antes de me conceder essa entrevista. Era capaz de atravessar o Atlântico a nado para a conseguir!

Alexandre – Volte para o sítio de onde veio num barco a pedais, se lhe apetecer. Não é problema meu...

Ela parece novamente prestes a desmaiar.

Alexandre – Já é a segunda vez que desmaia à minha frente... Anda a ler romances cor-de-rosa a mais, menina. Hoje em dia, tirando no teatro, as mulheres já não desmaiam a toda a hora só porque alguém as contraria...

Madison – Não estou a fingir, garanto-lhe.

Ele hesita.

Alexandre – Quer que chame uma ambulância?

Madison – Não, mas preciso de me sentar um bocadinho.

Alexandre – E depois vai-se embora?

Madison – Prometo.

Ela senta-se e recupera o fôlego.

Alexandre – Já lhe dei um copo de água... Quer um cálice de conhaque?

Madison – Está a tentar dar cabo de mim, é isso?

Alexandre – Agora já é tarde, infelizmente. Devia ter-lhe dado um tiro logo de início. Alegava legítima defesa. Agora já não consigo negar a premeditação...

Madison – Porque guarda uma pistola em casa?

Alexandre – Inicialmente, era para afastar os intrusos. Pelos vistos não chega...

Madison – Mesmo sendo um pouco misantropo, como tantos escritores... Todos precisamos de companhia, não é verdade?

Alexandre – Já estou a ver que vai sugerir que arranje um gato... Quer ver-se livre do seu, é isso?

Madison – A solidão não lhe custa?

Alexandre – A solidão... É como o café... Ao princípio sabe um pouco amargo. Depois habituamo-nos. A seguir começamos a gostar. E, por fim, já não conseguimos passar sem ela.

Madison – Devia escrever um livro de aforismos. Tenho a certeza de que venderia muito bem.

Alexandre – E, afinal, o que é não estar sozinho? Viver a dois e repetir as mesmas banalidades ano após ano? Visitar de vez em quando a família ou os amigos, evitando cuidadosamente qualquer assunto importante que possa causar discussões? Cruzar-se com os vizinhos nas escadas e falar do tempo? Conversar com o gato, fazendo de conta que ele percebe?

Madison – No entanto, quando escreve, dirige-se a alguém.

Alexandre – Foi precisamente por isso que deixei de escrever.

Madison – Não acredito.

Alexandre – Não lhe peço que acredite. Peço-lhe que me deixe em paz...

Madison – Então não me concede a entrevista?

Alexandre – Já não tenho nada para dizer. Pior: já não tenho ninguém com quem falar. E há dias em que nem sequer me apetece falar comigo próprio.

Madison – Que tristeza...

Alexandre – É a vida... E, de uma maneira ou de outra, a minha está a chegar ao fim...

Madison – Talvez a minha também...

Alexandre – Tem quarenta anos menos do que eu. Podia ser seu pai.

Madison – Ou até o meu avô.

Alexandre – Obrigado pelo esclarecimento. Muito amável da sua parte. Seja como for, a sua vida está apenas a começar.

Madison – Sim... Mas pode acabar em breve...

Alexandre – O que quer dizer com isso?

Madison – Tenho uma doença cardíaca. Os médicos dizem que só me restam alguns anos de vida. Talvez alguns meses. Foi por isso que vim a França realizar um último sonho. Conhecê-lo...

Ele fica visivelmente abalado com a revelação.

Alexandre – Como assim, uma doença cardíaca?

Madison – Nasci com uma malformação no coração. É demasiado frágil. Pode deixar de funcionar a qualquer momento.

Alexandre – É por isso que tem essas fraquezas?

Madison – À mais pequena contrariedade, o coração dispara e pode parar de bater.

Ele hesita por um instante.

Alexandre – Não me diga que inventou essa história só para me obrigar a não a contrariar... e, assim, a aceitar a entrevista.

Madison – Infelizmente, não...

Alexandre – Lamento muito.

Madison – A culpa não é sua.

Alexandre – Não, mas que ironia. Eu sou velho, já não tenho vontade de nada, penso pôr fim à vida... A menina é jovem, tem toda a vida pela frente, e é o seu próprio coração que a trai...

Madison – Não posso mudar nada. Para que serviria revoltar-me?

Alexandre – E, apesar de tudo, continua a sorrir...

Madison – Digo a mim própria que os meses de vida que me restam talvez sejam os mais bonitos de todos.

Alexandre – Essa sua alegria de viver deprime-me. Nunca duvida de nada?

Madison – Já não tenho tempo para dúvidas. Foi por isso que entrei sem ser convidada...

Uma pausa.

Alexandre – E não há mesmo nenhuma esperança?

Madison – Há, sim. Um transplante. Mas seria preciso encontrar um dador...

Alexandre – Podia oferecer-lhe o meu coração, já não preciso dele... Suicido-me e deixo-lhe os meus órgãos...

Madison – Receio que não seja assim tão simples. Sobretudo quando se trata do coração. Não é como os órgãos que temos aos pares. Os rins, os pulmões...

Alexandre – Os testículos...

Madison – Para um coração, o dador tem de estar em morte cerebral...

Alexandre – Morte cerebral? Às vezes pergunto-me se não estarei já nesse estado. Como muita gente à minha volta, aliás...

Madison – O dador tem de estar morto, o coração tem de estar em boas condições e é preciso conseguir retirá-lo muito rapidamente. Infelizmente, isso acontece muito raramente. E a lista de pessoas à espera de um transplante é enorme...

Alexandre – Diz-se que na China retiram órgãos a condenados à morte. É muito mais prático, evidentemente. Primeiro marcam a data do transplante e executam o condenado nesse mesmo dia.

Madison – Mas isso é horrível...

Alexandre – Pois é, mas assim... o recetor tem tempo de apanhar calmamente um avião da Europa ou dos Estados Unidos. Alguns até aproveitam para fazer turismo. Evidentemente, não é de graça. Não faço ideia de quanto custa um coração na China. Já se informou?

Madison – Não...

Alexandre – Deve encontrar essa informação facilmente na Internet...

Madison – Obrigada.

Alexandre – Desculpe, não devia fazer piadas com isso... Muito menos consigo. Mas, no fundo, o humor é a única coisa que nos resta, não é?

Madison – Sim...

Alexandre – Embora aquilo que acabo de contar esteja muito longe de ser uma brincadeira...

Madison – Preferia morrer a viver com o coração de um condenado à morte. Mesmo que fosse o seu... Então?

Alexandre – Então o quê?

Madison – Vai ter a crueldade de me deixar partir sem realizar o meu sonho?

Alexandre – É teimosa como uma mula...

Madison – Vou tomar isso como um elogio.

Alexandre – Mas como sei que não está a mentir?

Madison – Quem haveria de inventar uma história destas? Só para conseguir uma entrevista com um escritor de quem toda a gente já se esqueceu...

Alexandre – Finalmente reconhece que já ninguém se lembra de Alexandre Delacroix.

Madison – Então aceita?

Alexandre – Quando me mostrar um relatório médico que prove que não está a mentir.

Madison – Desculpe, não o tenho comigo.

Alexandre – Vive mesmo aqui em frente... Vá buscá-lo...

Madison – Pensei que acreditaria na minha palavra. Confesso que estou um pouco desiludida.

Alexandre – Se lhe der essa entrevista, a desilusão está só a começar, acredite. Sou uma pessoa muito dececionante, há de ver.

Ela levanta-se e observa a sala. O olhar detém-se numa velha máquina de escrever.

Madison – Ainda escreve à máquina?

Alexandre – Foi nessa máquina que escrevi todos os meus romances. Mas não tente apanhar-me em contradição. Já lhe disse que não escrevo há anos.

Madison – Porquê?

Alexandre – As palavras são como as notas de banco: quando há demasiadas em circulação, perdem valor... Veja o que se passa hoje nas redes sociais. Toda a gente publica a sua pequena opinião dez ou vinte vezes por dia. Sobre tudo e mais alguma coisa. Uma inflação de moeda falsa que desvalorizou a verdadeira. As palavras já não querem dizer nada.

Madison – Não se pode impedir as pessoas de conversar. Antes era no café, agora é no Facebook. Mas haverá sempre grandes autores, como o senhor.

Alexandre – Já ninguém lê os grandes autores. Limitam-se a citá-los. A torto e a direito. Sempre as mesmas citações, repetidas até ficarem completamente vazias de sentido... O copiar e colar substituiu o pensamento... e os emoticons substituíram os sentimentos.

Madison – Posso citá-lo na conclusão da minha tese?

Alexandre – Vão acusar-me de elitismo. Vão dizer que, para mim, só uma pequena elite tem o direito de falar e que os outros devem calar-se e ouvir. É mentira. Acho que devíamos calar-nos todos.

Madison – O que propõe? Um minuto de silêncio?

Alexandre – Um minuto, não. Um ano inteiro. Um século. Um milénio de silêncio. Talvez então as nossas palavras recuperassem algum sentido, depois da diarreia verbal que inundou as redes sociais nos últimos anos.

Madison – É uma análise interessante, mas também se diz que deixou de escrever depois de um desgosto de amor...

Alexandre – Diz-se muita coisa...

Madison – Mas também não o desmente...

Alexandre – Isso não quer dizer que seja verdade...

Ela volta a pegar na fotografia que está sobre a secretária.

Madison – Quem é esta mulher na fotografia?

Alexandre – Isso não lhe diz respeito.

Madison – É bonita.

Alexandre – Mesmo que esteja realmente doente, isso não lhe dá o direito de bisbilhotar a minha vida privada.

Madison – Reparei logo neste retrato quando entrei... E tive a impressão de que aquele rosto me era familiar.

Ele tira-lhe a fotografia das mãos, observa-a e volta a pousá-la.

Alexandre – É uma mulher que amei há muito, muito tempo...

Madison – No tempo em que era hippie?

Alexandre – Na verdade, nunca fui muito hippie... Estava aberto a ideias novas. E fumava um charro de vez em quando. Mas cuidava da minha saúde e já pensava na carreira. Para escrever é preciso algum conforto, sabe? Para nos tornarmos grandes escritores, às vezes temos de continuar a ser pequenos burgueses...

Madison – E ela?

Alexandre – Ela era uma mulher livre. Só pensava no momento presente. Vivia um dia de cada vez.

Madison – Onde a conheceu?

Alexandre – No patamar... Vivia no apartamento em frente. O mesmo onde mora agora. Quer dizer, partilhava-o com amigos de passagem. Gente vinda de todo o mundo. Músicos, artistas... Aquele apartamento era um pouco como a «*Maison Bleue*» de que cantava Maxime Le Forestier, uma casa onde a porta estava sempre aberta.

Madison – E, como a porta estava aberta, um dia aproveitou para partir. Como o meu gato...

Alexandre – Queria dar a volta ao mundo. Viver novas experiências. Conhecer outras pessoas. Naquela época, o casal tradicional não era propriamente o nosso ideal de vida. Pelo menos, não era o dela.

Madison – Mas ela amava-o...

Alexandre – Sim. À maneira dela, creio. Embora não me amasse só a mim...

Madison – O amor livre...

Alexandre – Não queríamos ser como os nossos pais, e tínhamos razão. Mas também não sabíamos muito bem o que inventar em alternativa. Algo que durasse um bocadinho... Vivíamos o presente. Nunca contámos chegar a velhos... E, de facto, os que não morreram antes dos trinta envelheceram muito mal. Já conheceu algum beatnik envelhecido? Garanto-lhe que não é um espetáculo bonito...

Madison – Portanto, deixou-a continuar a viagem sozinha...

Alexandre – Não podia prendê-la... Nem tinha o direito de o fazer. Uma bela manhã, partiu...

Madison – Para onde?

Alexandre – Para o Afeganistão. Hoje parece surrealista, mas nessa altura era um destino muito procurado pelos hippies. O haxixe vendia-se livremente e era baratíssimo. Trabalhando um ano aqui, podia-se viver um ano lá. Havia também todo aquele fascínio pelo Oriente. Para os hippies franceses, o Afeganistão era um paraíso.

Madison – Mas o senhor ficou...

Alexandre – Já pensava no futuro... E tinha percebido que o meu futuro não estava no Afeganistão.

Madison – Podia tê-la acompanhado na mesma. Por amor...

Alexandre – Claro... E ela provavelmente teria aceitado que eu fosse com ela... Mas o sonho dela não era uma viagem romântica. Muito menos uma lua de mel. Uma viagem pela Ásia era uma viagem iniciática, que se fazia em grupo. Muito longe das convenções pequeno-burguesas do amor a dois...

Madison – Portanto, ficou em Paris... mas nunca a esqueceu.

Alexandre – Esperava que voltasse um dia... Ou que pelo menos me mandasse um sinal... Um postal... Mas nunca mais a vi...

Madison – Não tentou encontrá-la?

Alexandre – Ainda não havia Internet... Quando alguém decidia desaparecer da nossa vida, desaparecia mesmo. E os anos foram passando...

Madison – Agora podia tentar encontrá-la.

Alexandre – Para quê? Se calhar já morreu. Ou então casou-se, teve cinco filhos e pesa cento e vinte quilos.

Madison – Ou talvez esteja viva, continue a ser uma mulher bonita e ainda pense em si de vez em quando.

Alexandre – Na dúvida, prefiro não saber... e guardar a imagem daquela bela jovem que aparece nesta fotografia. Imagine o choque, quarenta anos depois! Nós não damos pelo nosso próprio envelhecimento, mas o dos outros salta-nos logo à vista, acredite...

Madison – Não tenho a certeza de chegar a ver-me envelhecer...

Alexandre – Desculpe, não devia ter dito isso.

Uma pausa.

Madison – Não ouviu um miado?

Alexandre – Não... Continuo sem ouvir nada...

Madison – Talvez esteja escondido algures aqui...

Alexandre – Espero bem que não.

Madison – Prometa-me que, se eu morrer, tomará conta do meu gato.

Alexandre – Mas não vai morrer! Além disso, provavelmente o gato morre primeiro. Quer dizer, suponho... Quanto tempo vive um gato?

Madison – Uns quinze anos.

Alexandre – E o seu tem que idade?

Madison – Dois anos.

Alexandre – Ah, pois...

Madison – Então? Aceitava adotá-lo?

Alexandre – Recordo-lhe que, quando entrou, eu tinha uma pistola encostada à têmpora.

Madison – Precisamente. Assim teria um motivo para não se suicidar...

Alexandre – Quer dizer, se tivesse de alimentar um gato com ração de legumes e mudar-lhe a areia todos os dias?

Madison – Se tivesse de cuidar de alguém, sim. Se houvesse alguém que gostasse de si, precisasse de si e ficasse à sua espera em casa quando regressasse à noite.

Alexandre – À minha espera? Quase nunca saio de casa, muito menos à noite...

Madison – Há pouco queria mesmo pôr fim à vida ou estava a pedir ajuda?

Alexandre – Seja como for, não me lembro de a ter chamado...

Madison – E, no entanto, parece que ouvi o seu pedido.

Alexandre – É verdade que me custa cada vez mais encontrar razões para ter esperança.

Madison – Quer falar-me disso?

Alexandre – Tendo em conta a sua situação, teria alguns escrúpulos em maçar-lhe com a lista de tudo o que me deprime.

Madison – Continuar a lutar sabendo que a guerra já está perdida... Não será essa a verdadeira coragem?

Alexandre – Nunca afirmei ser corajoso. Gostava de ter tanta coragem como a menina.

Madison – Não sou corajosa. Simplesmente não tenho escolha. Ao contrário do senhor.

Alexandre – Eu? Só posso escolher entre a corda para me enforcar e a pistola para rebentar com os miolos...

Madison – Tem razão... É mesmo deprimente...

Alexandre – Eu avisei-a, sou um velho idiota. Não sei se estes tempos são piores do que os da minha juventude. Talvez me tenha tornado apenas mais lúcido. E a lucidez, regra geral, não nos torna otimistas.

Madison – Afinal, acho que aceitava um copo de conhaque.

Alexandre – Tem a certeza?

Madison – De alguma coisa havemos de morrer.

Ele serve dois copos de conhaque. Brindam.

Alexandre – À sua saúde! Desculpe, voltei a meter a pata na poça...

Ela sorri. Esvaziam os copos.

Madison – Isto até ressuscitava um morto.

Alexandre – Não bebo há uns dez anos. Nem sei há quanto tempo está ali aquela garrafa. Mas o álcool envelhece bem, não é? Melhor do que os alcoólicos, pelo menos...

Madison – Mesmo assim, tem um sabor esquisito. Tem a certeza de que é conhaque?

Ele olha para a garrafa.

Alexandre – Acho que sim... Mas já nem me lembro muito bem do sabor do conhaque...

Madison – Gostava de ter conhecido o jovem que foi.

Alexandre – Que jovem?

Madison – O que estava apaixonado por aquela mulher da fotografia. E que ainda tinha aquela fúria de viver...

Alexandre – Não sei se teria gostado dele.

Madison – Devia estar cheio de entusiasmo e esperança.

Alexandre – De ambição, pelo menos, estava.

Madison – Já não tem mesmo amigos?

Alexandre – Não suporto velhos, por isso evito conviver com pessoas da minha idade. Não quero ter permanentemente diante de mim um espelho que me mostre a minha própria decrepitude.

Madison – Tenho a certeza de que continuou a escrever durante todos estes anos.

Alexandre – Foi por isso que me pôs a beber? Na esperança de que eu me abrisse consigo...

Madison – Um escritor existe para escrever.

Alexandre – Está bem, é verdade. Continuei a escrever... Mas não voltarei a publicar...

Madison – Porquê?

Alexandre – Já lhe disse. Já não escrevo para ser lido. Talvez pelas gerações futuras. Mas não tenho mais nada a dizer aos leitores de hoje.

Madison – Nem a mim?

Alexandre – Não a conheço. Porque acha que tenho alguma coisa para lhe dizer?

Madison – Talvez tenhamos mais em comum do que imagina...

Alexandre – Para além do facto de ambos termos os dias contados?

Madison – Diga-me ao menos de que trata o seu livro...

Ele hesita por um momento.

Alexandre – É um romance... muito pessoal.

Madison – Autobiográfico, portanto...

Alexandre – Digamos que é autoficção, como agora se diz.

Madison – É por isso que não o quer publicar? Porque é demasiado pessoal?

Alexandre – Prefiro encarar este manuscrito como um diário íntimo. Não gosto de exibicionismo. Se o publicar, vão dizer que acabei por me tornar, na velhice, um autor de romances cor-de-rosa...

Madison – Pensei que não se importava com o que as pessoas pensam de si.

Alexandre – Parece que ainda não atingi esse grau de sabedoria.

Madison – Porque é impossível atingi-lo.

Alexandre – Não perca tempo a fazer uma tese sobre mim. Não vale a pena, acredite.

Madison – Para mim, é importante.

Alexandre – Mas porquê? Viva a sua vida, raios! Sobretudo se ela pode acabar de um momento para o outro... Aliás, não acredito em si e continua sem me ter mostrado o tal relatório médico.

Madison – Se não acredita em mim, porque aceitou falar comigo?

Alexandre – Pensei que, para inventar uma história destas, havia de ter uma boa razão. Qual é?

Madison – É um pouco complicado...

Alexandre – Portanto, mentiu. E o seu coração está ótimo.

Madison – Digamos que... os meus problemas de coração são sobretudo simbólicos.

Alexandre – Porque me contou aquela história?

Madison – Para lhe fazer pena, suponho. Estava a querer pôr-me na rua...

Alexandre – Ainda posso fazê-lo...

Madison – Mas não vai.

Alexandre – E porque não?

Madison – Porque o deixei intrigado...

Alexandre – Diz que os seus problemas de coração são simbólicos. Quer dizer... um desgosto de amor?

Madison – De certo modo... Tal como o senhor, sofri com a ausência de alguém que amava.

Alexandre – E o que tenho eu a ver com isso?

Madison – Prometo que lhe conto daqui a pouco. Mas antes queria pedir-lhe um favor.

Alexandre – Diga lá...

Madison – Gostava de ler esse manuscrito.

Alexandre – E porque haveria de lho confiar?

Madison – Porque, no fundo, quer que alguém o leia e lhe dê uma opinião. Um escritor escreve sempre para ser lido... e reconhecido. Para ser amado...

Alexandre – A única pessoa por quem eu queria ser amado... desapareceu da minha vida há mais de quarenta anos.

Madison – Onde está o manuscrito?

Ele aponta para um dossiê sobre a secretária.

Alexandre – Está ali...

Madison – Posso vê-lo?

Ela estende a mão para lhe pegar, mas ele impede-a.

Alexandre – Não!

Ela hesita um instante. Uma sombra de tristeza atravessa-lhe o olhar.

Madison – Afinal, tem razão. É mesmo um velho imbecil. Deixo-o aqui a ter pena de si próprio...

Ela prepara-se para sair.

Alexandre – Espere...

Ele hesita, depois pega no manuscrito e estende-lho.

Alexandre – Deixo-a lê-lo, mas com uma condição.

Madison – Diga.

Alexandre – Este manuscrito não sai daqui.

Madison – Tem medo de que faça uma cópia e o publique sem autorização?

Alexandre – É pegar ou largar.

Ela pega no dossiê e avalia-lhe o peso.

Madison – Vou demorar um bocado.

Alexandre – Não tenho pressa. E a menina?

Madison – Eu também não.

Alexandre – Tenho um quarto de hóspedes, se quiser. Já quase não o uso. Os meus amigos morreram todos...

Madison – Obrigada pela hospitalidade.

Alexandre – Deixo-a entregue à leitura...

Ele sai. Ela mergulha na leitura do manuscrito.

Escuro.

Madison está sentada num cadeirão, ainda a ler o manuscrito. Vira a última página. Fecha o dossiê e fica pensativa durante uns instantes. Levanta-se e olha para a janela em frente, do lado do público. Alexandre entra com duas chávenas de café e pousa uma diante dela.

Alexandre – Aqui tem... Aviso-a de que é descafeinado. Não conte com isto para a manter acordada.

Madison – Obrigada.

Alexandre – Então, não conseguiu chegar ao fim...

Madison – Acabei mesmo agora...

Alexandre – Já? Não é possível, deve ter saltado páginas...

Madison – Não, garanto-lhe...

Alexandre parece um pouco inquieto com o silêncio que se segue.

Alexandre – Não se sinta obrigada a dizer-me o que achou... Sobretudo se não gostou...

Madison – Devorei-o da primeira à última página. Não preguei olho durante toda a noite.

Alexandre – Bem... Isso tranquiliza-me um pouco... Mas não sabia que tinha escrito um romance de suspense...

Madison – É o seu melhor livro. Há nele uma humanidade que faltava a todos os outros.

Alexandre – Assim já não sei se devo encarar isso como um elogio... No que diz respeito ao resto da minha obra, pelo menos.

Madison – Os seus outros romances eram brilhantes. Este é profundamente comovente.

Alexandre – E reparou? O tema tem tudo a ver com o da sua tese.

Madison – A minha tese...?

Alexandre – «A figura da ausência no universo romanesco de Alexandre Delacroix». Já se esqueceu?

Madison – Não, claro que não. E tem razão. A história de um homem que, aos vinte anos, escolhe viver apenas na companhia do fantasma de um amor de juventude...

Alexandre – Nunca se esquece o primeiro amor. Porque temos saudades da juventude, precisamente. Saudades de todas as primeiras vezes... Devemos manter-nos fiéis ao nosso primeiro amor. Mesmo que nem sempre consigamos ser fiéis à primeira mulher que amámos.

Madison – Sim, mas há um risco. O de viver no passado...

Alexandre – Seja como for, nunca devemos desistir dos nossos sonhos. Então acha que devo publicá-lo?

Madison – Se eu disser que sim, publica-o?

Alexandre – Afinal, é uma especialista na minha obra.

Madison – Tenho a certeza de que este romance pode relançar a sua carreira literária... Para mim, merece um prémio Goncourt.

Alexandre – Não exagere. Agradeço que me queira animar. Mas tem de ser credível...

Madison – Estou a ser absolutamente sincera, garanto-lhe.

Alexandre – E perfeitamente objetiva, claro.

Madison – Duvida?

Alexandre – Não sei... Algo me diz que não veio a Paris apenas para escrever uma tese sobre um escritor fora de moda.

Uma pausa.

Madison – Tem razão. Não lhe contei toda a verdade.

Alexandre – Não tem nenhuma doença cardíaca. Não tem um gato. E suponho que nem sequer é estudante...

Madison – O que é verdade é que sou americana e vim a França para o conhecer.

Alexandre – Vive no apartamento em frente há várias semanas... Porquê só agora?

Madison – Ontem de manhã, pela janela, vi-o tentar prender aquela corda ao teto. Depois vi-o tirar a pistola.

Alexandre – Não consegui encontrar onde prender a corda.

Madison – Tive medo por si. Medo de que desaparecesse antes de eu chegar a conhecê-lo. Corri para aqui... e improvisei.

Alexandre – Saiu-se muito bem. Devia fazer teatro... Mas sabe, na vida como no teatro, convém desconfiar do que se vê por detrás das cortinas. Às vezes é apenas uma ilusão. Uma projeção das nossas próprias fantasias...

Madison – A corda não era para se enforcar?

Alexandre – E se eu quisesse apenas... pendurar um candeeiro de teto?

Madison – E a pistola?

Ele tira a arma da gaveta.

Alexandre – Podia ser um brinquedo. Uma pistola falsa para assustar os assaltantes... Ou simplesmente um isqueiro... *(Carrega no gatilho e sai uma chama do cano.)* Um isqueiro que, aliás, já não me serve para nada. Tenho tanto medo de morrer que deixei de fumar. Mas guardo sempre um maço de cigarros por perto, para provar a mim próprio que sou capaz de resistir à tentação. Também deixei o álcool e até a cafeína. Veja bem como trato da minha saúde...

Madison – Portanto, não tencionava pôr fim à vida?

Alexandre – Ter esse plano, ainda não. Vontade, talvez. Para dizer a verdade, é a única vontade que me resta. A vontade de acabar com tudo. Mas para nos suicidarmos é preciso coragem... E essa coragem falta-me. Ou talvez ainda não esteja suficientemente desesperado. E, de resto, para quê? Espero pela minha vez, como toda a gente...

Madison – Então o nosso encontro resultou de um simples mal-entendido?

Alexandre – Custa-me acreditar que alguém atravesse o Atlântico só para entrevistar um escritor como eu. E não acredito no acaso. Portanto, porque está aqui?

Madison – Vou dizer-lhe. Mas, primeiro, obrigada por me ter dado a honra de ser a primeira pessoa a ler este manuscrito.

Alexandre – Gostou assim tanto?

Madison – É uma obra-prima. Mas tenho uma pequena crítica a fazer.

Alexandre – Cá está... Bem me parecia... Sou todo ouvidos.

Madison – Não achei o final inteiramente convincente...

Alexandre – Tem razão... É uma história inacabada... Como se faltasse um epílogo...

Madison – Talvez possa ajudá-lo a encontrá-lo...

Alexandre – Também escreve? Veio propor-me uma colaboração? É verdade que já me começa a faltar inspiração, mas aviso-a de que ainda não preciso de contratar um escritor-fantasma para escrever os meus livros.

Madison – Não, não vim por isso...

Alexandre – E essa tese também era uma invenção. Portanto, não foi pelo privilégio de ter uma conversa literária comigo que representou toda esta comédia...

Madison – Não. Não foi só por isso...

Alexandre – Então porquê?

Madison – Acho que a resposta está no manuscrito que acabei de ler. «A janela em frente»... Porquê esse título?

Alexandre – A janela em frente... É a do apartamento onde mora agora. Era ali que vivia a mulher que amei há muitos anos.

Madison – E que continua a assombrar-lhe os pensamentos desde que partiu.

Alexandre – Sonhei muitas vezes com o regresso dela. Que um dia entraria por aquela porta, como a menina fez hoje...

Madison – É por isso que a deixa sempre aberta...

Alexandre – Por vezes parecia-me ver uma sombra atrás das cortinas da janela em frente. Quando se instalou e comecei a ver luz acesa à noite, imaginava que era ela...

Madison – Mas era só eu.

Alexandre – É um pouco parecida com ela... Foi por isso que recuei, quando a vi pela primeira vez há pouco. Durante um instante, pensei que fosse ela. Com vinte anos. Depois lembrei-me de que hoje teria mais ou menos a minha idade...

Madison – É verdade, sou parecida com ela.

Alexandre – Não me diga que é o fantasma dela.

Madison – Não. Sou bem real.

Alexandre – Mas há mais qualquer coisa, não há?

Madison – Há.

Alexandre – Porque disse que o rosto dela lhe parecia familiar?

Uma pausa.

Madison – Sou neta dela.

Silêncio.

Alexandre – Neta dela...?

Madison – Quando partiu para o Afeganistão, estava grávida. Só descobriu pouco depois de partir.

Alexandre – Grávida... de mim?

Madison – Sim.

Alexandre – Porque não me disse nada?

Madison – Como o senhor próprio disse, eram outros tempos. Ela não quis impor-lhe aquela criança. Pensou que a conseguiria criar sozinha. E foi o que fez.

Alexandre – Nunca soube de nada.

Madison – Eu também não, pelo menos até há pouco tempo.

Alexandre – Quando soube?

Madison – Há alguns anos. Quando fiz dezoito anos, a minha avó contou-me esta história. A vossa história de amor...

Alexandre – Portanto, seria minha neta.

Madison – Sim. Sou sua neta. *(Uma pausa.)* Não acredita?

Alexandre – Acredito... Curiosamente, depois de todas as mentiras que me contou, não tenho a menor dúvida.

Madison – Compreendo que seja difícil de aceitar. Leve o tempo que precisar. Não me deve nada. Se assim preferir, vou-me embora como vim e nunca mais ouvirá falar de mim.

Alexandre – Fique, por favor.

Madison – Estou aqui.

Uma pausa.

Alexandre – Compreendo que não me tenha contado nada na altura. Mas depois?

Madison – Já lhe disse. Não queria impor-lhe a paternidade. E depois perdeu-lhe o rasto.

Alexandre – Pouco depois de ela partir, deixei este apartamento. Não suportava ter todos os dias diante dos olhos aquela janela a recordar-me a sua ausência.

Madison – Há muito tempo, escreveu-lhe uma carta. Mas a carta foi devolvida com a indicação «Já não reside nesta morada».

Alexandre – Voltei a morar aqui há alguns anos. Precisamente para escrever este livro. Como se assim pudesse exorcizar o passado.

Madison – Mas o fantasma dela nunca deixou de o perseguir...

Alexandre – Conheci outras mulheres, claro. Mas passei a vida inteira agarrado à memória desse primeiro amor. Nunca amei mais ninguém...

Madison – Ela não sabia se tinha casado. Se tinha constituído uma família.

Alexandre – Não constituí.

Madison – Soube de si quando se tornou um escritor famoso.

Alexandre – Também foi na esperança de a reconquistar que me esforcei tanto para triunfar na literatura. E para que, graças à minha fama, ela pudesse encontrar-me mais facilmente. Nessa altura podia ter-me contactado.

Madison – Pensaria que ela só o procurava por interesse, depois de se ter tornado um escritor de sucesso... Era isso que ela receava...

Alexandre – Portanto, tenho uma filha...

Uma pausa.

Madison – Quanto à minha doença, também só menti pela metade. Era a minha mãe que tinha o coração frágil. Morreu pouco depois de eu nascer, sem sequer saber quem era o pai dela.

Alexandre – Lamento muito saber isso.

Madison – Foi a minha avó que me criou. Quando atingi a maioridade, ela quis que eu soubesse quem era o meu avô. Mas não teve coragem de voltar a contactá-lo.

Alexandre – Por isso decidiu fazê-lo por ela. Veio a Paris.

Madison – Não conseguia imaginar-me a contar-lhe tudo isto por carta ou ao telefone. Queria conhecê-lo primeiro. Tinha fama de ser um velho urso. Se não tivesse simpatizado consigo, não lhe teria contado nada. E teria voltado para Nova Iorque.

Alexandre – Mas recebi-a tão bem que resolveu adotar-me...

Madison – E, sobretudo, li este manuscrito. Percebi que nunca tinha esquecido aquela mulher. A minha avó...

Alexandre – Fez bem em vir... e em contar-me o fim desta história.

Madison – Ainda não é bem o fim... *(Alexandre acusa o golpe.)* Está bem?

Ele recorre ao humor para disfarçar a emoção.

Alexandre – Eu já andava deprimido por causa da idade e agora vem dizer-me que sou avô.

Madison – Isso não o deixa contente?

Alexandre – Claro que sim... Mas descubro ao mesmo tempo que tenho uma filha e que ela morreu.

Madison – Mas eu estou aqui... Mal conheci a minha mãe. E agora volto a ter um avô.

Alexandre pega no manuscrito.

Alexandre – Vou publicar este livro. Dedicá-lo-ei à filha que nunca chegarei a conhecer. E à neta que um dia entrou em minha casa sem avisar, forçando a porta...

Madison – A porta estava aberta...

Alexandre – Mas ainda tenho de encontrar um verdadeiro final para este romance.

Madison – Já lhe disse que posso ajudá-lo com isso.

Alexandre – Não sei se o meu coração aguenta muito mais tempo, se continuar a anunciar-me surpresas.

Madison – Na verdade, falta uma última coisa.

Alexandre – Diga. Já que chegámos até aqui...

Madison – A minha avó está viva.

Alexandre – E onde vive hoje?

Madison – Em Nova Iorque.

Alexandre – Então dê-lhe um beijo muito carinhoso da minha parte...

Madison – Pode dar-lho pessoalmente.

Alexandre – Vai levar-me consigo para a América?

Madison – A minha avó veio comigo. Está no apartamento em frente.

Uma pausa. Ele fica visivelmente desconcertado.

Alexandre – Agora é que começo a ficar verdadeiramente assustado...

Madison – Continua a ser uma mulher muito bonita... e nunca o esqueceu. Leu todos os seus livros...

Alexandre – Mas não quis conhecer a vida do autor.

Madison – O senhor disse que isso não tinha importância...

Alexandre – A grande ausente deste romance é ela.

Madison – Sim, mas ela ainda não o leu... Não sabia se o senhor ainda se lembrava dela... Se ainda a amava...

Alexandre – Continuo a amá-la... Este livro é a prova...

Ele olha para o público, na direção da janela em frente.

Madison – Então? Digo-lhe que venha?

Alexandre – Ela atravessou o Atlântico para me encontrar. Eu bem posso atravessar o pátio para ir ter com ela...

Alexandre beija Madison.

Madison – Vá sozinho. Vai ver. Quase nada mudou por detrás da janela em frente. E a porta continua aberta...

Ele sai. Madison fica a olhar na direção da janela.

Escuro.

Fim

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Agosto de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-976-8

Documento para download gratuito